

**ADOLESCENTE, MAS DE PASSAGEM**  
**(Um ensaio espírita sobre a adolescência e a juventude)**

Paulo R. Santos

*Este livro é dedicado aos jovens espíritas. Que sirva como elemento incentivador da vida moral sadia e para a edificação do homem do terceiro milênio.*

*A nova geração tem a missão de assumir o mundo novo e transformar sua humanidade numa sociedade mais justa e fraterna.*

*Que os Espíritos Superiores possam ajudá-los nesse precioso intento de servir.*

*O autor.*

**Apresentação**

**I - De volta à Terra**

**II - O período de infância**

**III - Puberdade e adolescência**

**IV - Do amor sensual ao amor espiritual**

**V - O namoro ensaiando o futuro**

**VI - Em busca de segurança e proteção**

**VII - O peso da tradição e dos costumes**

**VIII - A religião e as questões espirituais**

**IX - A família, a casa e o lar**

**X - Um projeto de vida**

**- Apêndice**

## **APRESENTAÇÃO**

O texto que o leitor tem em mãos é a realização de um antigo projeto, resultante de nossa experiência em salas de aula, como expositor em grupos de Mocidade Espírita e como pai. No convívio diário com adolescentes percebemos suas dificuldades em compreender a vida em seu sentido mais amplo, suas carências e limitações, donde o objetivo de contribuir, mesmo que modestamente, com a preparação das novas gerações para as necessidades e responsabilidades da existência.

Ao escrevermos este texto não tivemos a menor pretensão de fazer literatura. Optamos pela clareza, objetividade e simplicidade sem perda de conteúdo, principalmente pelo fato de nosso público alvo ser o jovem, espírita ou não. Pode ser que essas páginas contenham algumas informações úteis também para pais e mestres que, como nós, se preocupam com a situação confusa em que vive a maioria dos jovens da atualidade.

Solicitamos ao nosso eventual leitor uma boa dose de compreensão devido às nossas limitações pessoais. Considere ainda que não existem receitas universais para os problemas humanos, cabendo a cada um buscar o seu caminho, encarando a vida como uma aventura, onde os altos e baixos são naturais.

Paulo R. Santos

## **Capítulo I**

### **DE VOLTA À TERRA**

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei. Esta frase foi inscrita no monumento megalítico que constitui o túmulo de Allan Kardec. Sintetiza não apenas o objetivo da vida, como também o processo existencial. Aplica-se tanto para quem está vivendo no mundo espiritual como para aqueles que estagiam na esfera material.

Enquanto estamos no mundo dos Espíritos, após a última passagem reencarnatória pela Terra, avaliamos nossos sucessos e fracassos, nossos acertos e desacertos. Esse balanço existencial muitas vezes é feito com o auxílio de Espíritos mais experientes, cuja sabedoria alcança aspectos ainda inacessíveis ao nosso entendimento. Assumimos ou reassumimos nossas

responsabilidades na Espiritualidade e aguardamos novas oportunidades de retorno à esfera mais densa da matéria.

É bem verdade que nem todos, enquanto desencarnados, vivem em colônias ou cidades espirituais de grande elevação. Muitos, a maioria talvez, ainda vive em mundos espirituais não propriamente inferiores, mas de pouca evolução. Espíritos comuns, sem grandes méritos e sem grandes culpas. Nesses ambientes espirituais, ao contrário do que ainda se pensa, não se vive uma vida ociosa ou contemplativa. Existem deveres a serem cumpridos, tarefas a serem realizadas em benefício próprio ou de outrem.

Nas chamadas zonas purgatorias ou inferiores, os Espíritos estagiam por maior ou menor lapso de tempo. O suficiente para repensarem a própria existência, cansarem-se da vida sem objetivo, desfazerem-se dos resíduos materiais levados no perispírito (ou corpo espiritual ou ainda, corpo astral, conforme algumas filosofias), mudarem de hábitos, conceitos e, principalmente, preconceitos.

Após esse intervalo entre reencarnações, que pode durar de alguns anos a décadas e mesmo alguns séculos, o ser sente-se necessitado de prosseguir em sua marcha evolutiva. Os mais evoluídos definirão seus próprios rumos com mais liberdade. Suas existências incluem tarefas de interesse coletivo de maior ou menor porte, de acordo com suas potencialidades, ao lado das necessidades pessoais que jamais ficam esquecidas, considerando-se que um estágio na Terra é oportunidade preciosa demais para ser desperdiçada. As criaturas com uma evolução mediana precisarão recorrer aos amigos mais vividos para a programação de sua jornada terrena. Isso para otimizar sua reencarnação e minimizar as margens de erro. Ainda assim sabem que os riscos de insucesso serão apreciáveis, pois são pessoas com força de vontade ainda algo indisciplinada e precisarão do amparo dos Espíritos amigos, encarnados ou não. Quanto àqueles com escasso progresso, serão muitas vezes constrangidos ao retorno à vida corporal. Muitos deles acabam por aceitar a reencarnação devido ao esquecimento do passado produzido pelo mergulho na carne. Suas consciências culpadas encontrarão algum alívio e com isso ressurgem a esperança e a oportunidade de reparar os erros anteriores.

Enquanto no mundo espiritual usufruímos de capacidades de percepção mais amplas que ficarão bastante limitadas com o processo reencarnatório, ainda assim o Espírito não se desliga totalmente do mundo espiritual. Durante o sono do corpo reverá os amigos que o acompanham para uma troca de idéias e aconselhamento. Terá ainda, sem dúvida, amigos reencarnados

no seu convívio com quem poderá contar nos momentos difíceis. E não ficará por aí a misericórdia divina. A intuição nos momentos oportunos e o socorro da prece estarão sempre ao alcance do ser reencarnado. Há uma grande diferença no comportamento do Espírito enquanto reencarnado ou desencarnado. No mundo espiritual temos a certeza de sermos “Espíritos”, seres imortais, e isso altera nossa compreensão da vida. Durante o estágio na Terra, ficamos envolvidos com os apelos materiais, o corpo carnal amortece nossas percepções, o esquecimento do passado gera incertezas e, normalmente, os impulsos e sentimentos inferiores prevalecem devido à condição evolutiva média do homem terreno, ainda pouco distanciado de sua passagem pelo reino animal.

Reencarnar é, de certa forma, lançar-se ao mar da existência sem grandes certezas e muitas dúvidas. É desatracar o navio da vida apenas com os equipamentos conseguidos pelo esforço pessoal e alguma ajuda externa, daí a angústia que todo Espírito sente ao aproximar-se a época da viagem pela Terra. Mas viver é correr riscos e o progresso intelectual e moral se fará a partir de nossas reações durante o percurso.

Mas, como é reencarnar? Alguns livros e depoimentos de Espíritos nos dão notícias acerca do processo que pode ser sintetizado da seguinte maneira. Após definir as diretrizes principais de sua futura vida na Terra; feitos os arranjos necessários para garantir o melhor resultado possível e escolhidos aqueles que irão recebê-lo como filho ou filha, geralmente dentre as pessoas de seu relacionamento, aguarda-se a ocasião oportuna, quando o Espírito sofrerá uma gradual perda de consciência sob os efeitos da fluidoterapia espiritual e será ligado magneticamente aos seus pais terrenos, algum tempo depois da concepção decorrente do ato sexual. Como se vê, o processo reencarnatório se inicia muitos meses e mesmo anos antes da concepção. Dependendo das necessidades e possibilidades do Espírito os cuidados serão maiores ou menores. Quanto mais evoluído mais ele próprio participa do processo, quanto menos evoluído mais se entrega aos automatismos reencarnatórios. Um outro detalhe importante é que quanto menos evoluído, menor o intervalo entre uma reencarnação e outra. O ser mais adiantado moral e intelectualmente reencarnará a intervalos maiores porque soube aproveitar mais as lições anteriores e a Terra pouco terá a lhe acrescentar por algum tempo.

O corpo espiritual do reencarnante é então, digamos, miniaturizado e colocado no útero de sua futura mãe, monitorando a partir daí a multiplicação celular em função de

suas necessidades evolutivas. Durante a gestação, enquanto seu corpo se forma e se prepara para viver no mundo de matéria mais densa, o Espírito não fica de todo destituído de percepções. Pelo contrário, estará mais sensível às emoções de seus pais, percebendo, inclusive, se é bem-vindo ou não. Tais sentimentos já passarão a constituir sua personalidade terrena, seu caráter, determinando até mesmo neuroses que se manifestarão futuramente. Como se vê, tudo isso demanda cuidados por parte dos Espíritos que cuidam dos processos reencarnatórios e necessita da contrapartida dos pais terrenos.

A reencarnação é uma bênção ainda não avaliada de acordo com sua importância. Muitos agem como se a vida fosse um passeio pela Terra, uma viagem de turismo. Na realidade, a Terra é o ponto de encontro de Espíritos de categorias espirituais distintas. As influências recíprocas possibilitarão ao ser mais evoluído consolidar virtudes e adquirir outras; ao menos evoluído aprender com aqueles. Lembremo-nos que no Mundo Espiritual os Espíritos se agrupam por laços de afinidade, formando grandes famílias espirituais que se organizam em cidades e colônias. Pode ser que tenhamos ao nosso lado, enquanto encarnados, seres que amamos e com quem não partilhamos ainda o mesmo ambiente extrafísico, daí a importância de aproveitarmos bem as oportunidades que nos são oferecidas para que, um dia, possamos estar com eles na Terra e na Espiritualidade Maior. Se você deseja saber mais sobre esse tema leia o capítulo 13 do livro “Missionários da Luz”, de André Luiz, espírito, através do médium Francisco Cândido Xavier, publicado pela Federação Espírita Brasileira, onde se encontra descrita uma reencarnação até com minúcias.

## **Capítulo II**

### **O PERÍODO DA INFÂNCIA**

O período da infância foi objeto de pesquisa de Allan Kardec, como se pode depreender das perguntas que fez aos Espíritos quando da codificação do espiritismo. Em O Livro dos Espíritos, a partir da questão 379 vemos uma série de questionamentos de suma importância para o correto entendimento, significado e objetivo da fase infantil para o Espírito que voltou à Terra.

A pergunta 382, por exemplo, questiona o seguinte: “Sofre o Espírito encarnado, durante a infância, com o constrangimento que lhe impõe a imperfeição dos seus órgãos?” A resposta é

simples e direta: “Não; esse estado é uma necessidade, é natural e segundo as vistas da Providência: é um tempo de repouso para o Espírito.” Por que um período de repouso? Simplesmente pelo fato de que durante a infância o Espírito encontra-se desembaraçado de deveres e responsabilidades. Seus pais terrenos cuidam do necessário à sua sobrevivência física e as limitações impostas pela imaturidade dos órgãos o deixa vivendo como que uma fantasia. O Espírito não se encontra sob a plena consciência de sua condição, como quando desencarnado, e nem sob o peso dos deveres da vida de encarnado, a qual ainda não assumiu plenamente.

Uma outra pergunta feita por Kardec e que merece ser lembrada aqui, pois consiste o ponto chave deste capítulo, é a preocupação sobre a utilidade do estado de infância. A pergunta é textualmente a seguinte: (383) “Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?” - “O Espírito se encarnando para se aperfeiçoar, é mais acessível, durante esse período, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados da sua educação”.

Após o renascimento no mundo material, inicia o Espírito um período de adaptação às condições de vida na Terra. Seu corpo deverá se habituar à temperatura, umidade etc., enquanto desenvolve sua aparelhagem psíquica, agora sob novas condições sociais. Por menor que seja o intervalo entre uma encarnação e outra, o processo se repete, pois o corpo é totalmente novo, gerado por ele e para ele. É uma máquina sofisticada cujo “piloto” deverá treinar no seu funcionamento até poder controlá-la adequadamente. É por isso que vemos as crianças recém-nascidas sem controle motor. Arranham-se facilmente, o que leva as mães previdentes a manterem bem curtas as suas unhas; não são capazes de segurar objetos ou se o fazem são algo desajeitadas. Tudo isso é perfeitamente natural. O reencarnante ainda não tem pleno domínio de seu novo corpo, o que só ocorrerá gradualmente e com o passar dos anos.

Se você tem irmãos ainda pequenos observe seus movimentos. Verá que lembram alguém que está aprendendo a dirigir um veículo. De fato, o fenômeno é semelhante e todos os primeiros anos de vida serão dedicados a esse treinamento no uso de um novo corpo que deverá servir de veículo de manifestação para o Espírito durante o máximo de tempo possível.

Entretanto, é fácil concluir que o Espírito não reencarnou para aprender a usar um novo corpo de carne. Isso é pura contingência, necessidade conjuntural. O aspecto mais

importante da reencarnação está nos novos condicionamentos psicossociais. A construção de uma nova personalidade. Assim como o perispírito é o molde do corpo físico, a individualidade (o Espírito com todas as suas peculiaridades) servirá de modelador para sua personalidade.

Vamos explicar isso com mais detalhes. A individualidade é o que nos distingue uns dos outros. A individualidade permanece a mesma ao longo das reencarnações, revestindo-se de personalidades apropriadas a cada experiência na Terra. A personalidade é composta pelos novos hábitos culturais, pelos costumes da sociedade em que se reencarnou, pelo novo idioma que se usa, pelos regionalismos e tudo o mais que envolve a existência humana na Terra. Voltando ao Mundo Espiritual, muitos de nossos hábitos e costumes terrenos deverão ser revistos e modificados, ou seja, deveremos nos desfazer daqueles acessórios que ajudaram a constituir nossa nova “roupagem psíquica”, nossa personalidade, e reassumir nossa condição de Espíritos livres do corpo carnal que, por sua vez, foi nosso “macacão de trabalho” na Terra.

Para o Espírito, o que importa levar da Terra são as experiências acumuladas e que serão acrescentadas ao seu patrimônio espiritual, tornando-se parte de sua individualidade. Cada experiência, feliz ou infeliz, será guardada nos seus arquivos psíquicos e constituirão material de apoio para a tomada de novas decisões. Como se vê, o processo de aprendizado é cumulativo. As camadas daquilo que foi experimentado, vivido, vão se superpondo e poderão ser trazidas à tona, ao nível do consciente, sob certas circunstâncias naturais, decorrentes do amadurecimento psicológico do ser, ou artificiais, como o sonambulismo provocado, a hipnose.

De grande importância para o Espírito reencarnado e vivendo a infância é a influência daqueles com quem convive, especialmente pais e irmãos. Os pais, naturalmente, têm uma ascendência muito grande sobre os filhos, mesmo que não percebam. Os filhos aprenderão deles mais daquilo que fazem do que daquilo que dizem. O exemplo será sempre preponderante. Os novos modos de ser serão gradualmente absorvidos pela criança e se forem bons hábitos a prepararão melhor para o futuro. Se forem maus hábitos constituirão bombas de retardo, a explodir no futuro causando danos proporcionais à sua potência. Por aí se vê que a missão da paternidade e da maternidade é das mais importantes e comprometedoras.

Dizem os especialistas do comportamento humano que o “código de caráter” é transmitido no tempo transcorrido entre o

nascimento e os sete ou oito anos. O que vier depois será tido à conta de acréscimo. Tanto as influências salutares quanto aquelas menos nobres serão inculcadas nas mentes infantis nesse período em que o Espírito reencarnado fica muito maleável, muito suscetível de sofrer influência, como dissemos, principalmente dos pais e familiares, que constituem todo o mundo da criança. Cumpre ressaltar ainda que a reencarnação, em seus pontos essenciais, só se completa lá pelos seis, sete anos. Durante esse período é comum ver-se a criança brincando e conversando com seres imaginários. Em muitos casos, os ditos seres imaginários têm existência real para a criança, pois são Espíritos que vêm vê-la. Estando ainda estreitamente ligada ao Mundo Espiritual e não totalmente envolvida pelas influências da matéria que constitui seu corpo carnal, é fácil para ela compartilhar os dois universos: o físico e o extrafísico.

Enfim, não podemos esquecer que a criança é, antes de tudo, um Espírito reencarnado, com suas carências e imperfeições. Todo impulso positivo deve ser estimulado e todo indício de vícios morais deve ser inibido ainda nos primeiros anos. Pais e professores devem procurar compreender os mecanismos básicos da mente infantil para agirem com mais propriedade. A pedagogia do amor ensinada por Jesus não dispensa a atitude enérgica quando necessária. Educação frouxa, com a criança entregue a seus próprios impulsos, tem sido o caminho para a delinqüência. Em tempo algum a violência contra a criança encontrará justificativa, e o abandono em que se encontra boa parte delas, sem o indispensável para viver, nos deixa antever problemas sociais cada vez mais graves para as próximas gerações. Se cada um cumprir adequadamente o seu dever enquanto pai, trabalhador, homem público, cidadão etc., o problema poderá ser resolvido de forma razoável, apesar dos complexos desajustes sociais que, de uma forma ou de outra, nos atinge a todos.

### **Capítulo III**

#### **PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA**

Superadas as etapas iniciais de sua nova reencarnação, deve ainda o Espírito experimentar um período final de amadurecimento biológico, em que seu corpo passará por transformações mais ou menos profundas devido às influências de hormônios que estão sendo postos na corrente sangüínea.

A menina passará a adquirir formas mais arredondadas, os seios crescem e ocorre a primeira menstruação indicando que o corpo



está se tornando apto para procriar. O menino experimentará modificações não menos profundas e, às vezes, traumatizantes. Como nas meninas, começam a surgir os pelos pubianos, nos garotos a voz começa a engrossar, a musculatura se delinea mais firmemente e ocorrem as poluções noturnas, que são ejaculações involuntárias. Esse período que normalmente vai dos doze aos catorze anos é cheio de surpresas pois o corpo sofre modificações muito rápidas o que pode deixar alguns jovens à beira do pânico.

Entretanto, a puberdade ainda não é a fase final da readaptação do Espírito à sua nova jornada pela Terra, nem é a mais importante. A adolescência é um período que costuma ser ainda mais confuso para os jovens, pois eles sabem que não são mais crianças e percebem que ainda não são adultos.

No livro “Drogas - opção de perdedor”, do médico e psicoterapeuta Flávio Gikovate, lemos o seguinte quanto a esse período de nossa existência na Terra: “Os jovens vivem as dificuldades do processo de se tornarem adultos de modo muito discreto. Sim, porque não se espera deles que estejam muito mal. Ao mesmo tempo, muitos de nós nos lembramos da nossa adolescência como um período de horror, como um daqueles filmes em que se passa medo o tempo todo. O adolescente tem de vivenciar as mudanças no seu corpo, especialmente no que diz respeito à função sexual; tem de vivenciar uma brutal mudança na maneira de encarar a vida, que agora precisará ser levada a sério; tem de se afastar mais ainda de sua família; tem de ensaiar os primeiros passos no caminho do amor. E tem de fazer tudo isso com ar de naturalidade, pois é assim que se espera que ele passe por essa fase”.

Convenhamos que é um período difícil mas muito rico se o jovem souber aproveitá-lo para conhecer-se melhor. Sim, pois é nessa época que o Espírito reassume sua verdadeira condição, apresentando a partir daí todos os seus defeitos e virtudes. Como lemos em O Livro dos Espíritos, questão 385, onde Kardec perguntou de onde provinha “a mudança que se opera no caráter, a uma certa idade, e particularmente ao sair da adolescência”, os Espíritos que o assessoravam no trabalho de fazer uma síntese do conhecimento humano responderam o seguinte: “É o Espírito que retoma sua natureza e se mostra como ele era”, e prosseguem por aí numa resposta muito longa de acordo com a importância da questão.

Se as mudanças orgânicas assustam por serem muito rápidas, as alterações emocionais podem atormentar o jovem ainda mais por serem de natureza íntima e imensamente instáveis. É comum nessa idade toda essa confusão que se estabelece no interior de

cada um de nós refletir-se na forma de medo, insegurança e, em alguns casos, timidez, que é muito mais um jeito de ser e não doença. Essas emoções se confundem dentro do jovem, alterando seu comportamento, tornando-o irritadiço e impulsivo. Começa a ter dificuldades de relacionamento, principalmente com os pais que passa a considerar “quadrados”, “caretas” e outros termos parecidos. Na verdade, isso é um amadurecimento que se apresenta na busca de auto-afirmação, donde a oposição às idéias, a tudo que é apresentado pelos familiares que representam, aos seus olhos, o limite, o não pode. Você deve procurar identificar o que está de fato acontecendo. Uma coisa é querer ser independente, outra bem diferente é ser do contra, fazendo oposição sistemática a tudo e a todos.

Na adolescência as emoções se confundem, havendo grandes alternâncias de humor. Euforia e tristeza se alternam sem razões aparentes que justifiquem o fato. Pode-se amar profundamente alguém num dia e passar a detestá-lo na semana seguinte por causa de ninharias. As primeiras experiências no campo do amor não são plenamente realizadoras, justamente devido à instabilidade emocional. Sente-se intensamente tudo e tudo é tão intensamente passageiro. Entretanto, não se assuste. Todos nós sobrevivemos há séculos a esse tumultuado período de cada reencarnação, tanto mais facilmente quanto maior o apoio e amizade que tivermos dos pais, parentes e amigos.

Uma questão que merece ser abordada aqui é aquela que se refere a uma última fase de reconhecimento do próprio corpo. É curioso observar como que o recém-nascido não tem controle sobre seu corpo. Mas à medida que passa o tempo o Espírito reencarnado controla mais e mais seus implementos físicos, descobre seus potenciais e durante a puberdade sente um despertar para uma parte do corpo que até então não lhe causava grande interesse: seu órgão genital. Ao observar que começa a nascer pelos em volta dele, que ele aumenta de tamanho e vê que seus colegas passam a falar mais nesse assunto, naturalmente sua atenção será atraída para esse novo aspecto da vida. O despertar da sexualidade é sempre complicado devido à nossa herança judaico-cristã, que ensina erradamente que sexo é pecado e enche as cabeças de conceitos equivocados a respeito da sexualidade criando os preconceitos que, muitas vezes, não serão facilmente superados.

Aprendendo com os outros ou descobrindo por si mesmo, tanto o rapaz quanto a moça descobrirão que a manipulação do órgão genital causa prazer. Chama-se a isso masturbação ou autoerotismo, ou ainda onanismo. A ciência vem estudando o assunto e descobriu que é um processo final natural de

reconhecimento do próprio corpo. Comum na adolescência, inofensivo quase sempre. Não é doença ou sintoma de doença, a menos que podendo assumir vida sexual completa a pessoa ainda continue dando preferência à masturbação ou nos casos em que o jovem não tenha as tão comuns fantasias eróticas, preferindo sempre a manipulação do órgão sexual em detrimento do convívio com jovens do sexo oposto. É um assunto para se conversar com os pais, se houver confiança para isso, com amigos de verdade e mais experientes ou com professores que possam tratar o assunto com propriedade e competência.

Na puberdade e adolescência a energia sexual, que é uma energia criadora, pode ser extravasada - pelo menos parcialmente - através de outras atividades já que não convém que o jovem assuma vida sexual plena nessa fase de sua existência. Isso devido a fatores sociais, econômicos, éticos e psicoemocionais que mencionaremos em capítulos posteriores.

Emmanuel nos informa no livro Vida e Sexo, psicografado pelo Chico Xavier e publicado pela FEB, que a energia sexual é da mesma natureza daquela que mantém a coesão celular; é sem dúvida energia de criação. Portanto, as atividades esportivas, artísticas e culturais de um modo geral podem contribuir positivamente para equilibrar os impulsos sexuais do adolescente. A leitura de bons livros que tratam da sexualidade humana também ajuda muito, já que dificilmente se encontrará sempre por perto alguém com suficiente competência para tratar a questão com o devido respeito e conhecimento, sem ver-se envolvido por preconceitos e tabus que, em última análise, respondem em boa parte pelos equívocos do comportamento sexual vigente. O conhecimento, sobre qualquer coisa, sempre será um fator de libertação do homem da sua ignorância milenar, principalmente no tocante ao sexo, ainda envolto em uma mística inútil e desviante.

## **Capítulo IV**

### **DO AMOR SENSUAL AO AMOR ESPIRITUAL**

O amor é um tema tão importante para a vida humana que aparece em praticamente todo tipo de manifestação artística, cultural, religiosa ou científica. A psicologia procura entendê-lo, explicá-lo, considera seus aspectos psicossomáticos e no entanto, influenciada pelo materialismo, vai pouco além da superfície.

A dificuldade pode estar no fato de se confundir sensação com sentimento, paixão com amor. As sensações são dadas pelo corpo carnal. São o resultado de estímulos do sistema nervoso, que transmite as impressões de prazer ou dor ao Espírito, via corpo espiritual. As emoções, os sentimentos, são atributos exclusivos do ser imortal. O corpo físico não os possui. É fácil concluir, portanto, que não se pode “fazer amor”; se faz sexo.

A mente se nutre dos próprios pensamentos, como o corpo de carne se nutre da matéria do mundo que o constitui. O Espírito, de forma semelhante, se nutre de emoções, de sentimentos, cujos efeitos perduram por longo tempo. Os sentimentos felizes contribuem para a saúde espiritual, mental e física da criatura. Entretanto, é importante compreender que o amor é uma expressão geral para o conjunto de virtudes e não constitui uma virtude à parte. É uma conquista lenta e gradual na proporção em que o Espírito avança na acumulação de experiências, de virtudes, que no seu conjunto passarão a refletir a posição evolutiva daquele ser. A solidariedade, o altruísmo, a preocupação com o bem-estar do próximo enfim, são formas já avançadas de amor. Somente seres da estatura espiritual de um Jesus são capazes do amor-síntese, reflexo de seu grande avanço no campo do conhecimento e da moral.

Considerando a posição evolutiva média dos homens terrenos, esse amor-síntese ainda é uma meta a ser atingida. Ainda lutamos muito para sair do nosso egoísmo, da excessiva preocupação com nossos próprios interesses, e para a aquisição de virtudes básicas como a humildade e a caridade.

As emoções do adolescente, portanto, são importantes para a construção da sua nova personalidade, visando uma nova etapa evolutiva. Freud, considerado o pai da psicanálise, escreveu que “no desenvolvimento da humanidade como um todo, tal como em indivíduos, somente o amor age como fator civilizador no sentido de que ele traz uma mudança do egoísmo para o altruísmo”. Realmente, é por causa do amor em sua expressão mais elevada que certas pessoas se doam por completo a ideais, muitas vezes sacrificando a própria felicidade e existência.

O amor sexual é um tipo de amor. Devido às alterações hormonais o jovem sente uma intensa excitação, aliada às novas emoções que experimenta. Na realidade, o amor verdadeiro é calmo, pleno em si mesmo, gratificante; não é possessivo nem limitador. O que é mais comum na adolescência é aquilo que se chama paixão. Um tipo de amor que surge tão rapidamente como se esvai. Muitas vezes há mais desejo sexual, que é uma vontade de contato físico. O desejo sexual normal, no dizer dos especialistas, é puramente o desejo de ter contato com o corpo

da outra pessoa e do prazer que esse contato produz. As atividades que têm esse objetivo, por exemplo, beijar, abraçar e acariciar sob certas condições, são qualificadas de sexuais mesmo que não haja sintomas genitais de excitação.

Nesse período da vida a busca da auto-afirmação leva os jovens, mais que as jovens, a correrem riscos desnecessários como pegar o carro do pai e sair por aí demonstrando sua pretensa coragem e habilidade. Temeridade seria a palavra certa. O jovem expõe-se a causar danos a pessoas ou coisas, quando não a si mesmo. E o fato de ser um adolescente não o eximirá de responsabilidades perante as leis divinas, mesmo que escape das leis terrenas. Convém lembrar que a criança e o adolescente são, antes de tudo, Espíritos reencarnados. Se as condições biopsíquicas próprias da adolescência implicam um certo determinismo em suas ações, o que é considerado tanto da perspectiva terrena quanto espiritual, isso não quer dizer que o rapaz ou a moça não gozem do seu livre arbítrio. Não existe arrastamento para o mal, nos dizem os Espíritos que contribuíram para a codificação espírita. Se o ser se entrega a práticas ilegais ou ilícitas é porque ainda se compraz no mal. Todo o edifício doutrinário espírita tem caráter preventivo e visa primordialmente nos auxiliar a fazer bom uso do livre arbítrio. O livre arbítrio pode ser entendido como sinônimo de liberdade. Há liberdade onde há escolha.

Pode ser ainda que o jovem descubra em si, ao entrar na adolescência, certos impulsos de ordem sexual que destoem do comum. A atração por pessoas do mesmo sexo é um tipo. Esbarramos aí na possibilidade de tendências homossexuais. Que fazer num caso destes? Sabemos que, essencialmente, o Espírito não tem sexo embora se manifeste com um psiquismo mais marcadamente masculino ou feminino ao longo da reencarnações. Eventualmente todos nós passamos por inversões sexuais para conhecermos as experiências típicas do sexo oposto. Quando isso é feito com planejamento prévio e com interesse do Espírito reencarnante, não ocorrem grandes transtornos de adaptação. Mas podem ocorrer reencarnações compulsórias com inversão sexual e finalidade reeducativa do Espírito. O mau uso das energias sexuais por longo tempo traz as chamadas compulsões, que são impulsos que fogem ao controle da pessoa. Reencarnando no mesmo sexo fatalmente será levado a novos excessos, por isso a inversão sexual pode ser ao mesmo tempo um freio, já que os implementos sexuais não serão os mesmos, e uma possibilidade de reeducação, de reorientação das energias sexuais. Nesse ponto, lembramos ao

leitor que o principal órgão sexual é a mente, e esses casos visam mudar os condicionamentos mentais do Espírito.

Vejamos qual deve ser a conduta do espírito em fase de reajuste de seus impulsos sexuais, conforme a orientação de Joanna de Ângelis, espírito, exposta no livro “No Limiar do Infinito”, pela psicografia de Divaldo Pereira Franco: “Os abusos praticados numa organização sexual impõem limites, constrangimentos e torpezas que fazem indispensáveis retificados na reencarnação imediata, quando, sob a constrição de várias conjunturas aflitivas, se derrapa o Espírito em novos compromissos viciosos em forma de fuga ou de corrupção das elevadas finalidades, volvendo a expiar, mediante a mudança de morfologia sob a difícil impulsão que se encontra na alma e a prisão na roupagem que lhe não responde ao anseio. (...). Cumpre ao Espírito reencarnado submeter-se aos implementos da sua posição de prova ou de dor, granjeando valores novos que o alcem à normalidade triunfante na função carnal, de que se deve utilizar para vitórias sobre si mesmo, no laboratório da vida física”.

Como se vê, é feito um convite à contenção dos impulsos sexuais, direcionando-os de acordo com a condição do corpo atual e não das tendências trazidas do passado delituoso. Será sempre difícil obter-se um resultado positivo no curto prazo, mas com orientação adequada, força de vontade e o apoio de uma concepção religiosa que lhe corresponda aos anseios, será possível retificar a rota de sua orientação sexual. A visão acanhada e materialista de certos especialistas diz que se deve dar vazão aos impulsos sexuais na forma em que se apresentarem. Da perspectiva espírita seria um erro, pois implicaria a reincidência nos equívocos do passado, cristalizando os impulsos desequilibrantes e ampliando ainda mais seu comprometimento com as leis cósmicas que, eventualmente, serão acionadas com todo o seu rigor de modo a trazer ao caminho certo o ser fraco e recalcitrante.

Ainda nos apoiando em Joanna de Ângelis, no mesmo capítulo 9, Sexo e Reprodução, da obra citada, voltamos à questão do amor, onde ela nos alerta que: “assim considerando, embora as vinculações entre o amor e o sexo, o amor verdadeiro e real está acima das manifestações sexuais, como atributo da misericórdia divina, na sinfonia das belezas com que a vida se expressa”.

Entre o amor mais primitivo da fêmea que cuida de seus filhotes, atendendo aos impulsos de reprodução unicamente na época certa, por ocasião do cio, e o amor-síntese a que aludimos anteriormente, há uma infinidade de nuances e posições intermediárias. Deveremos conhecê-las para compreendê-las, e assim evoluir mais rapidamente sem nos

determos em concepções equivocadas ditadas pelos interesses e conveniências da época. Entendamos que o amor sensual, embora lícito, é a base da escala, e que o amor espiritual a meta a ser atingida. Um amor que abarque a tudo e a todos indistintamente. Ainda é muito para nós, é certo, mas chegaremos lá algum dia, pois estamos todos destinados a isso.

## **Capítulo V**

### **O NAMORO ENSAIANDO O FUTURO**

Uma das experiências mais gratificantes da adolescência é o namoro. Uma forma de compartilhar emoções e ideais, de dividir angústias e esperanças. É um ensaio para a vida afetiva mais plena, ou pelo menos deveria ser, pois o jovem não distingue ainda muito bem a diferença entre gostar e amar. Em alguns casos envolve-se sexualmente com a namorada ou namorado, não conseguindo relacionar muito bem, por exemplo, sexo com gravidez. Seja por influência dos meios de comunicação, seja por pura desinformação ou mesmo irresponsabilidade, tais experiências costumam ser mais traumatizantes do que prazerosas, comprometendo muitas vezes toda a existência terrena.

Há uma grande diferença entre gostar e amar. Gostamos de nadar, de andar de bicicleta e de ir ao cinema, sem que nos dediquemos integralmente a isso. São atividades esporádicas que nos trazem satisfação íntima. Gostar não é o nome de uma emoção. Equivale a desfrutar, querer, preferir e, algumas vezes, escolher. Amar relaciona-se a emoções. Implica atitudes de solicitude, de benevolência e atenção pelo ser amado. Existem casos de amor sem esperança de reciprocidade e que nem por isso são menos intensos e verdadeiros. Há o amor que floresce e se dedica integralmente ao ser amado no silêncio do mundo íntimo. Como foi dito antes, o amor, diferentemente da paixão, é pleno em si mesmo. A isso se refere Robert Brown em seu livro “Analisando o amor”.

Será que existe uma maneira de se saber quando se está enamorado de alguém? Sim, normalmente se sente um grande desejo de ser inseparável da pessoa amada. Um grande interesse em unir os dois cotidianos e de dividir momentos de alegria e tristeza. Pode acontecer, entretanto, que uma pessoa goste de alguns aspectos de outra e que por isso não pretenda estar com ela constantemente.

Para o adolescente, o namoro é a oportunidade de ter as primeiras experiências no campo da sexualidade. O abraçar, beijar e acariciar são sensações que lhe trazem prazer, mesmo que o afeto não seja ainda preponderante. Alguns estudiosos do comportamento humano chamam nossa atenção para o fato de que entre os catorze e dezessete, dezoito anos, há muito mais impulso sexual que afeto. É uma fase de instinto sexual, sem direção determinada. O rapaz e a moça sentem atração física por colegas de classe, por exemplo, indistintamente. Passados esses anos um pouco turbulentos, surge o erotismo. Um período em que o desejo sexual passa a ser dirigido não mais a qualquer um do sexo oposto, mas àqueles com determinadas características. O desejo sexual começa a sofrer a influência do afeto. A moça passa a desejar aquele rapaz em especial ou somente aqueles que tenham determinadas qualidades. O rapaz por sua vez, não sente atração como antes por qualquer moça, mas por aquela que lhe corresponda a determinados anseios.

Dentro dessa visão, que se coloca em paralelo com a ótica espírita, o afeto vai se tornando cada vez mais seletivo, até fixar-se numa determinada pessoa que, normalmente, será sua companhia por aquela jornada terrena, quando não seja um Espírito extremamente afim que se reencontra para a continuidade da vida. Realmente, entregue às circunstâncias favoráveis a uma existência saudável, entenda-se Providência Divina, o Espírito reencarnado terá sempre pela frente as pessoas que deverão compartilhar de suas experiências, como se a vida “conspirasse” positivamente em seu favor. Nesse contexto, não se deve tratar as primeiras experiências afetivas como um passatempo, pois ninguém lesa ninguém no campo íntimo sem criar comprometimentos perante as leis divinas. Portanto, o namoro é coisa séria.

Um modismo comum, reflexo da época em que vivemos, é o “ficar”, ou seja, passar um fim-de-semana com ele ou com ela sem maiores compromissos e com direito a tudo ou quase tudo. Uma espécie de pré-namoro. Numa época da humanidade em que tudo é visto como mercadoria, também os sentimentos entraram na lista dos bens de consumo. O próprio amor tornou-se um bem de consumo não-durável nessa visão mercantilista da vida. Se isso terá algum resultado positivo temos nossas dúvidas. Parece mais um sintoma de insegurança afetiva generalizada, misturada com o desejo de não contrair compromissos ou responsabilidades.

A pressa de muitos jovens em começar sua vida afetiva e sexual mais cedo tem conduzido a várias tragédias pessoais. O casamento precocemente contraído, sem a devida preparação no



campo emocional e material, a gravidez inesperada e por isso indesejada gerando infanticídios. Tudo isso aliado aos transtornos familiares gerados por essas situações contribuem para a desestruturação de casamentos e famílias, além de interferirem de forma marcante no programa reencarnatório dos envolvidos. Realmente existem reencarnações não programadas. Espíritos que são atraídos pelas energias sexuais postas em movimento e que então submetem-se passivamente aos automatismos reencarnatórios. Também muitos casamentos acidentais acabam por acontecer como decorrência de ligações afetivas prematuras e inconseqüentes. Tais acontecimentos interferirão certamente na vida dos implicados no caso, alterando-lhes as tarefas programadas anteriormente no Plano Espiritual, mas que serão aproveitadas da melhor maneira possível, pois tudo pode ser útil para a evolução do Espírito. Até mesmo alterações de última hora efetuadas no programa existencial podem ser bem aproveitadas se o ser reencarnado se conduzir bem, no uso sensato de seu livre arbítrio.

Nas primeiras experiências amorosas o jovem pode experimentar também as primeiras decepções, as primeiras frustrações. Acabará por descobrir que o mundo não foi feito sob medida e que cabe a ele adaptar-se à realidade. Nessa fase, as frustrações amorosas doem profundamente, deixam o que poderíamos chamar, repetindo Jorge Andréa dos Santos, “feridas psíquicas” que custam a fechar, mas com o tempo as coisas se normalizam. O tempo tem sido um dos mais eficazes medicamentos para quase todos os tipos de dores morais.

Considerando o fato de que o adolescente, como a criança, é um Espírito reencarnado, vê-se que os desatinos cometidos durante a juventude não encontrarão respaldo na Espiritualidade, pois cada um se comportará sempre de acordo com o somatório de seu patrimônio espiritual adquirido até o presente. A sociedade, com seus vícios socialmente aceitáveis como o fumo e o álcool, normalmente contribui para empurrar o jovem para caminhos equivocados. Cabe a cada um resistir, até mesmo para ajudar a criar uma nova sociedade, isenta de tais costumes.

Retomando nosso fio de raciocínio referente ao namoro podemos dizer, para concluir o presente capítulo, que ele pode ser uma fonte de alegrias enquanto se aguarda a maturidade e suas responsabilidades. Deverá merecer por parte do jovem uma reflexão mais séria, pois também essas experiências serão acrescentadas ao seu acervo espiritual e sempre será melhor que sejam experiências felizes. Não vale a pena arriscar todo o processo existencial na Terra, jogar numa única experiência todo o seu futuro, em troca de um ou outro prazer passageiro.

Como veremos em capítulo posterior, devemos aprender a disciplinar nossa vontade e controlar nossos instintos o quanto antes. Isso é possível e é do que trataremos oportunamente.

## **Capítulo VI**

### **EM BUSCA DE SEGURANÇA E PROTEÇÃO**

Num período tão complexo como a adolescência é comum que o jovem comece a se afastar cada vez mais dos parentes e que, em contrapartida, se ligue mais e mais a um grupo de amigos. Isso acontece porque em casa normalmente se critica e se é criticado. Como foi dito antes, se confunde o desejo de ser independente com o “ser do contra”. Como os pais não se habituaram a ser contrariados o ambiente vai se tornando tenso e conflitante.

É pena que essa transição seja tão traumática tanto para os adolescentes quanto para os pais. Todo aquele entendimento, aquela convivência terna como que se evapora. O jovem, sentindo-se incompreendido, passa a querer ficar cada vez mais tempo fora de casa, sem vontade de dar a menor satisfação a seus pais como se não precisasse mais deles ou pior, como se eles fossem um obstáculo a ser vencido a qualquer preço. Quando há um bom nível de diálogo entre pais e filhos a situação pode ser contornada mais facilmente pois os dois lados envolvidos - pais e filhos - percebem que algo novo está acontecendo e que terão que rever as bases de seu relacionamento. Os pais aceitando que seus filhos adolescentes já não são mais crianças e que querem e precisam aprender a voar com as próprias asas. Por sua vez, os filhos devem entender que também para seus pais a situação é nova, e que um novo tipo de parto está acontecendo, desta vez de natureza emocional.

O adolescente deve procurar compreender seus pais nesses momentos, tanto quanto quer ser compreendido por eles. Deve entender que para eles, ele era uma criança até há poucas semanas. Deve procurar compreender também que agir por conta própria, sem levar em consideração a opinião dos pais, é ser egoísta e intolerante com aqueles que, bem ou mal, lhe deram o possível até aquela data. Seguir seus próprios caminhos é um direito inquestionável, mas esse processo de ruptura pode ser amenizado se houver boa vontade de parte a parte.

O resultado desse desarranjo todo é a busca da companhia de seu grupo, onde é aceito com suas virtudes e defeitos, com suas

peculiaridades, onde os interesses são os mesmos. No grupo, o jovem compensa em boa parte sua insegurança pessoal diante de tudo que lhe acontece; sente-se mais seguro em suas idéias e encontra espaço até para eventuais esquisitices próprias da idade. É curioso notar que o estado de confusão interior manifesta-se no jeito de se vestir, de falar e de comportar-se em público. Se for um rapaz, pode ser que numa semana deixe a barba crescer, vista-se descuidadamente, ande de sandálias etc. Na outra, é visto de bigode, vestido com mais cuidado e comportando-se até com um certo formalismo. Na semana seguinte, estará de óculos escuros, cabelos compridos e de bermuda. E vai por aí.

Se for uma moça, a coisa não ocorre de maneira muito diferente. Num dia se apresenta toda enfeitada e pintada. No outro, vestida simplesmente, sem pintura e com os cabelos de um modo diferente. Em outro dia de um outro modo e assim por diante. O que tudo isso significa? Com certeza o jovem não está em busca da simples contestação; está, na verdade, em busca de si mesmo. Quer e precisa descobrir qual é sua identidade e isso se reflete no seu aspecto exterior. Nem sempre é simples extravagância, mas o mais puro reflexo do estado de confusão íntima em que vive o adolescente e que passará em pouco tempo, principalmente se for acessível a alguma ajuda de pessoas mais experientes ou dos próprios pais.

O problema da busca de segurança é complexo porque se o jovem se sente mais independente e seguro de si ao romper com os laços familiares, nem sempre percebe que está simplesmente trocando um vínculo de dependência por outro. Na verdade, troca a dependência da família pela dependência do grupo, o que algumas vezes pode representar um mau negócio. Se o adolescente acredita que a família já não tem nada de bom a lhe oferecer e une-se a um grupo de jovens ainda inexperientes como ele, seria o mesmo que trocar nada por coisa nenhuma.

Quando o adolescente além de enfrentar as mutações próprias da idade conscientiza-se de outros fatores e sua importância para a vida, tais como os problemas decorrentes da riqueza de poucos e da miséria da maioria, em que talvez ele se encontre; a saúde de uns e as doenças e deficiências físicas de outros, em que ele próprio talvez se inclua. Nesses casos, mais importante se torna a correta compreensão da vida e aqui voltamos a ressaltar a transitoriedade da adolescência e as responsabilidades posteriores, com a chegada da maturidade. A carência material e afetiva tem levado muitos jovens à delinqüência e à marginalidade. Problemas congênitos, como deficiências físicas poderão transtornar seu mundo íntimo tornando-o uma criatura

revoltada e amargurada. O certo é que cada um se encontrará diante dos fatores existenciais necessários à sua evolução e reeducação espiritual, quando é o caso.

Diante das cruas realidades da vida, em que os momentos com a “turma” ou com o namorado ou namorada são simples tréguas, nada melhor que o suporte da religião bem compreendida e, principalmente, bem vivida. Não nos referimos aqui a nenhuma religião em especial, mas à religiosidade inerente a toda criatura humana e que deve ser bem canalizada em benefício próprio e da coletividade em que se vive, a começar pelo ambiente familiar. Essa questão será tratada com mais detalhes em capítulo próprio que veremos depois.

Dentre as necessidades básicas do ser humano encontra-se a necessidade de segurança e proteção. Essas necessidades são, inicialmente, supridas pela família, principalmente em se tratando de necessidades materiais, que a criança não pode prover por si mesma. Aliás, a espécie humana é aquela em que as capacidades de relativa auto-suficiência mais demoram por desenvolver-se. Naturalmente, devido à importância do período da infância para o Espírito reencarnado. A insegurança enquanto ser é muito aumentada durante a adolescência pelos fatores já mencionados e pela retomada dos impulsos e tendências trazidas de encarnações passadas. Nesse período o Espírito reassume sua verdadeira natureza, deixando à mostra todas as suas boas e más inclinações.

Quando as influências exercidas pelos pais terrenos foram suficientes para suplantarem aquelas trazidas pelo Espírito, elas prevalecerão diante das novas oportunidades de decisão. Se essa influência foi fraca, apenas parcial ou ineficaz, veremos o Espírito retomar sua antiga conduta. Nesse momento se costuma dizer que pais e filhos não mais se reconhecem, tal a diferença de comportamento assumida pelo jovem. Parece que de nada valeram a longa convivência no período da infância e os conceitos sadios que se lhe tentaram inculcar. Apesar disso, como nada se perde, os ensinamentos permanecerão em estado de latência e germinarão oportunamente. Muitas vezes, será a própria vida que cuidará de regar as sementes com experiências dolorosas que o jovem enfrentará por causa de seu endurecimento e propensão ao erro. Os pais que fizeram tudo o que puderam nada têm a recear de suas próprias consciências e nem das leis divinas. Muitos são os Espíritos que reencarnam com bons propósitos e fraquejam ainda na adolescência. A regra geral é culpar os pais. Pode ser que pudessem ter feito mais e melhor, mas como já foi dito antes, não existe arrastamento para o mal e o jovem que se deixa levar por ele é porque ainda se

compraz nele. Enfim, as influências externas contribuem é certo, mas não são determinantes, pois se vê filhos de pais alcoólatras e de vida desregrada seguirem uma vida digna, ao lado de irmãos que se deixaram conduzir pelo mau exemplo.

## **Capítulo VII**

### **O PESO DA TRADIÇÃO E DOS COSTUMES**

Quando reencarnamos nesta esfera existencial, a bem dizer, já encontramos o “circo” armado. Caberá a cada um de nós readaptar-se ao mundo material procurando assumir e desempenhar bem o seu papel. Gostemos ou não, concordemos ou não, deveremos seguir uma moral dominante, com suas peculiaridades. Essa moral nos é passada pela família e pela escola, principalmente. Muita coisa não poderá ser simplesmente contestada; poderemos até não assumir totalmente as regras e convenções sociais, mas não nos jogarmos contra elas, pois isso implicaria assumir uma conduta anti-social, atraindo sobre nós os mecanismos de repressão, dos quais os dois mais importantes são chamados de ideologia e aparato policial. Se o primeiro não funciona para nos enquadrar no sistema, o segundo é acionado e aí não é possível resistir sem prejuízo de nossa liberdade e mesmo integridade física.

Apesar de nem sempre corretas, as regras e convenções sociais existem para estabilizar a convivência social. Mal com elas, pior sem elas. Por isso as mudanças na maneira de pensar e agir da sociedade são lentas. O próprio instinto de conservação a faz agir como se fosse um ser único, que teme mudanças pois elas significam sair do imobilismo e enfrentar o novo, o desconhecido. Por isso a tradição e os costumes têm um peso considerável sobre o presente. No entanto, o progresso é uma lei que atinge a tudo e a todos e, no que diz respeito à sociedade, surge na forma de novas invenções que alteram o comportamento geral – a informática, por exemplo - e na forma de idéias que vão se imiscuindo no dia-a-dia das pessoas e alterando o seu pensar e, conseqüentemente, o seu agir. Já reparou como que o conceito espírita de reencarnação caiu no domínio público e mesmo quando não é usado adequadamente é uma saída pela tangente para alguns e explicação provisória para outros? É o fermento levedando a massa.

Recentemente houve um fato histórico que alterou profundamente a vida social: a II Guerra Mundial. Se seus danos no campo material foram extremamente altos, não foram

menores no campo do pensamento, na forma de encarar a realidade e a própria vida. A tradição e os costumes foram postos em cheque, pois se não foram capazes de evitar um conflito armado de tão grandes proporções é porque não são bons. Assim pensavam os jovens que perderam seus pais na guerra, as esposas que perderam seus maridos e as mães que ficaram sem seus filhos. Isso explica porque a geração dos anos 50 e 60 foram tão contestadoras. Nesse contexto de checagem dos costumes, também as religiões tradicionais foram reavaliadas e como não puderam dar respostas continuaram em declínio. Aí vemos os jovens dos anos 60 buscando um novo estilo de vida, inspirando-se nas crenças orientais para se relacionarem com a divindade; quebrando tabus ligados ao sexo e criando as comunidades alternativas. Nada disso deu o resultado esperado e a crise existencial coletiva apenas se aprofundou deixando-nos a perplexidade como herança cultural, com a qual os jovens de hoje ainda se debatem.

Isso explica porque a juventude passou a usar a droga, o fumo, as bebidas alcoólicas, a delinqüência e o sexo como válvula de escape para suas angústias. Nos anos 60 e 70, na América Latina, a onda de golpes de Estado agravou ainda mais a situação, pois gerou a alienação política e a defasagem cultural, hoje motivo de tantas preocupações, pois nas mãos de quem estarão esses países na entrada do século XXI? Estamos de certa forma correndo atrás do prejuízo.

Por esses e outros motivos, a juventude se vê às voltas com uma série de dificuldades que vão dos vícios socialmente aceitos, como alcoolismo e tabagismo, até a vida sem objetivos e conduta francamente anti-social. As drogas tornaram-se um problema grave e até agora sem solução eficaz. A sociedade atual mergulha no caos, devido a ausência de novos valores estáveis, aprofundando a crise que é eminentemente de natureza sócio-moral.

No curto prazo é preciso buscar uma solução para o crescente consumo de drogas. Parece que a informação é um dos recursos mais eficazes para se alcançar esse objetivo. Podemos dizer que para todos os tipos de problemas a informação correta é útil. Os jovens principalmente, devem informar-se sobre as drogas e seus efeitos sobre o corpo e a mente, além de aprenderem a dizer não quando lhes forem oferecidas. Criar o círculo vicioso da droga é fácil, sair é que se torna difícil. Não há dúvida que o efeito psicológico da droga é bom e é por isso que surge o vício. O problema é que não resolve nossas angústias e seus efeitos são passageiros, degrada a criatura, levando-a à exclusão social,

quando não a doenças graves de difícil recuperação, à morte ou ao suicídio.

O homem, na verdade, usa drogas há milhares de anos, com finalidades rituais e para estabelecer um contato maior com o Mundo Espiritual, através de uma mediunidade passageira e artificial, além de perigosa. Hoje, o uso de drogas tem outra finalidade. Visa anestesiá-la a consciência, propiciar a fuga da realidade e aos deveres. É um precipício à beira do qual vivem milhões de criaturas humanas, ricos e pobres, cultos ou iletrados. É um mal que alcançou todas as classes sociais e cada vez atinge faixas etárias mais baixas.

É oportuno estabelecer a diferença entre hábito e vício para que a compreensão do assunto se faça mais clara. Normalmente o hábito é entendido como dependência psicológica e o vício como dependência física. Todo vício já foi hábito. Uma coisa conduz à outra. Flávio Gikovate, médico e psicoterapeuta a quem já nos referimos em capítulo anterior, aponta aspectos importantes sobre os efeitos das substâncias tóxicas mais consumidas, os quais passamos a transcrever para maior informação do leitor. Quanto ao álcool diz o seguinte: “Em pequenas doses ele é discretamente euforizante para a maioria das pessoas; se as doses aumentam, aumenta a moleza, a tontura, e começa a vir uma grande sonolência. Um pequeno grupo de pessoas, talvez dez a quinze por cento, tem uma reação diferente: a partir da terceira dose de uma bebida forte ficam eufóricas, muito excitadas e com disposição redobrada (...). Aí a pessoa não é mais capaz de parar de beber; irá beber horas a fio, até não agüentar mais, até cair, já perto do coma alcoólico - estado de inconsciência que deriva da overdose de álcool”. Segundo ele nos informa, o álcool produz dependência psicológica após 2 a 5 anos de uso, e dependência física após mais ou menos 15 ou 20 anos.

Quanto à maconha, é um assunto mais grave, pois é a droga mais usada pelos adolescentes. “Seu efeito é, para a maioria das pessoas, relaxante. A pessoa ri à toa, o cérebro não fica muito esperto - às vezes ocorre o contrário: surgem idéias variadas, rápidas e muito inteligentes - e ela se sente totalmente liberta das responsabilidades. Talvez por isso a maconha tenha sido tão bem-sucedida nos anos 60, quando a juventude superconservadora tentava se adaptar aos novos padrões, à liberdade sexual. (...). A memória fica muito prejudicada. A pessoa não lembra o que pensou no instante anterior. Mesmo se tem idéias geniais, elas “evaporam” com enorme rapidez”. Provoca também perda de concentração, de atenção, sensação

de perda de controle interior, o pensamento se acelera e existem registros de surtos de loucura sob o efeito da maconha.

A cocaína é cheirada na forma de pó ou injetada diretamente na veia. “(...) tem um efeito fugaz. A excitação, a sensação de que se é um gênio, com cérebro claro e brilhante - o que só a pessoa acha, pois quem convive com ela vê apenas uma pessoa inquieta e angustiada -, dura de 30 a 40 minutos e logo vem uma tendência para a depressão. (...). O uso regular dessa droga ainda é muito recente. Podemos, contudo, prever danos físicos parecidos com os ligados ao uso da dexedrina: desgaste prematuro do organismo e depressões graves, às vezes seguidas de suicídio”.

“O crack é um derivado novo da cocaína, mais barato e parecido em tudo com ela. É uma pasta branca, que se fuma em um cachimbo pequeno - similar aos usados nos anos 60 para a maconha -, e parece ser do agrado dos jovens. Provoca uma tendência para a violência; libera a agressividade dos jovens, o que não é nada bem-vindo. Até o momento, o crack está claramente associado a grupos de delinquentes, a gangues de jovens que, depois de fumá-lo, saem para assaltar, estuprar, atirar a esmo etc.” O autor alerta para os desastrosos efeitos sobre os aspectos humano, afetivo e social dos toxicômanos. A começar por se tornarem insuportáveis. Seu convívio só pode ser tolerado por outro viciado. Como ele diz, o indivíduo torna-se um chato, no mais completo sentido da palavra, incapaz de autocrítica. Toma atitudes ridículas e acha que está “abafando”. Pelo que foi visto, a sociedade precisa de mudanças. Desde os vícios socialmente aceitos e nem por isso menos danosos, até as drogas usadas como processo de fuga de uma realidade que se rejeita ou que simplesmente não se suporta, denotam uma profunda carência de valores que ajudem a dar vazão às angústias existenciais. Convém lembrar que ninguém vive sem problemas. Precisamos aprender a lidar com eles, com o sofrimento. Essas coisas estão entre os objetivos da vida. Até uma certa dose de ansiedade é necessária para que prossigamos na existência. A ansiedade em níveis toleráveis equivale a uma mola propulsora que nos empurra para frente; nesse caso é sinônimo de expectativa. Passa a ser um problema quando afeta nosso modo de sentir e pensar e a interferir negativamente em nossa capacidade de avaliar situações.

Que o leitor nos permita lembrar aqui que a vida não é uma festa, e que a reencarnação na Terra não é feita com o objetivo de fazermos algum tipo de turismo. Se o fosse, convenhamos, a escolha demonstra um grande mau gosto. Nossa passagem pela Terra visa, em termos genéricos, a reparação de erros do



passado (e não exatamente punição), a educação espiritual, a aquisição de novas virtudes e a consolidação daquelas que já tivermos obtido. Em suma, o fortalecimento dos dois aspectos indispensáveis à nossa evolução: o desenvolvimento da inteligência e dos princípios morais. Para atingirmos esses objetivos, muitas vezes é necessário destruir valores antigos, superar as inibições produzidas por costumes e tradições obsoletos, que cumpriram seu papel na evolução social e que hoje esgotaram-se. Destruir o velho é o preço que pagamos pela obtenção do novo. A construção de uma nova sociedade exigirá de cada um a superação dos condicionamentos individuais, das limitações e imperfeições próprias de nossa posição evolutiva, e a criação de novos valores sociais que venham a constituir uma nova superestrutura, um novo campo de idéias. Isso já está ocorrendo; é só observar em volta e veremos as preocupações em torno do fim das guerras, como forma de resolver diferenças entre as nações; as propostas em torno da estabilidade da vida na Terra, isto é, a ecologia tornou-se uma questão política; e as preocupações acerca do respeito aos direitos e garantias individuais, com o fim do arbítrio, da repressão, das intransigências devido a diferenças raciais, culturais, lingüísticas, políticas etc. No crepúsculo do segundo milênio podemos ficar otimistas, pois essa civilização dita cristã será substituída por uma melhor, não há dúvida. É uma mera questão de tempo até que as novas estruturas sociais se definam e cristalizem, de modo a sustentar uma nova ordem política, econômica, religiosa, científica e cultural.

## **Capítulo VIII**

### **A RELIGIÃO E AS QUESTÕES ESPIRITUAIS**

O materialismo fez com que o homem abandonasse a religião. Muitos passaram a ver nela um desagradável fator de limitação; além de desagradável, desnecessário. A verdade é que as religiões tradicionais enveredaram por caminhos que nada tinham a ver com sua essência. Voltando-se para questões de natureza política e econômica, desviaram-se de sua finalidade, que é dar o devido suporte para o homem em seus momentos de aflição; ensiná-lo a relacionar-se com a divindade e, principalmente, ajudá-lo a disciplinar a sua vontade e controlar seus instintos. A religião tem, portanto, finalidade pedagógica. A agonia das religiões deve-se em grande parte ao fato de terem apresentado um deus humano demais, e uma visão de mundo

incompatível com os avanços e descobertas da ciência. Uma divindade irascível, ciumenta e vingativa. Foi contra esse deus pequeno, mesquinho e de forma humana, reflexo de nossas paixões, que os filósofos do século XIX se rebelaram e acabaram por destruir. O problema é que não foi colocado nada em seu lugar e a humanidade, principalmente ocidental, passou a sentir-se órfã e a agir como tal. Deus é uma necessidade psicológica dos seres humanos e uma realidade. A religiosidade é inerente a toda criatura humana. Uma religiosidade que, ao contrário do que pensam muitos, não é cultural. Precisamos reaprender a conceber Deus em todos os seus atributos superiores, tendo-o na figura de um Pai amoroso, justo e bom, como nos ensinou Jesus. Convém lembrar que ninguém, a não ser Jesus, trouxe uma visão tão completa e simples acerca do Criador, na figura do Deus-pai.

Esse Deus-pai estabeleceu regras, leis, que regulam, organizam e estabilizam o Universo em todos os níveis.

Compreender essas leis é indispensável para que nos ajustemos a elas e assim possamos diminuir nossos sofrimentos e acelerar nosso progresso intelecto-moral. Allan Kardec, em seus estudos e com o apoio dos Espíritos superiores, conseguiu formular um esquema altamente didático e completo sobre as leis divinas. O resultado desse esforço de síntese do mecanismo da Vida encontra-se na terceira parte de O Livro dos Espíritos, sob o título Leis Morais, para onde remetemos desde já o leitor interessado em conhecê-las mais detalhadamente. Apesar dessa sugestão, achamos oportuno transcrever um resumo das leis morais, feito por Carlos Toledo Rizzini, incluído em seu livro O Homem e sua Felicidade, páginas 99 a 101; obra altamente recomendável para os interessados em compreender os processos evolutivos na Terra. Eis o resumo:

**Lei de adoração:** Consiste na elevação do pensamento a Deus por intermédio da oração. Basta o culto interior, com sentimento sincero.

**Lei do Trabalho:** O trabalho é da lei da natureza. Aperfeiçoa a inteligência. O limite do trabalho é o limite das forças. Relevante, no caso, é a educação que incute hábitos saudáveis, porque a educação é o conjunto de hábitos adquiridos (...). Cabe aqui um ligeiro comentário nosso. Deve-se entender o trabalho como toda atividade útil e não apenas o trabalho remunerado. Retomemos o resumo.

**Lei de reprodução:** Fenômeno natural que, no homem, deve acompanhar-se de amor(...). O casamento é um progresso na sociedade; sem ele, haveria retorno ao nível animal de vida; mas

não é indissolúvel, sendo o divórcio admissível em instâncias extremas de incompatibilidade de gênio.

**Lei de conservação:** É natural o desejo de conservação(...). O bem-estar é anseio admissível. A carne alimenta a carne. A mortificação do corpo é inútil e nociva.

**Lei de destruição:** As coisas são destruídas para ressurgir depois. Nas criaturas, só o envoltório é objeto de destruição; o princípio inteligente é indestrutível.

**Lei de sociedade:** O homem deve viver em sociedade porque não tem faculdades totalmente desenvolvidas e completa-se em contato com os outros pela união social.

**Lei do progresso:** Ao homem cumpre progredir sem cessar e não pode regredir. Os mais adiantados devem ajudar os outros a avançar. (...). A civilização é um progresso que se reconhece pelo desenvolvimento moral.

**Lei de igualdade:** Todos os homens são iguais perante Deus. As diferenças de aptidões devem-se ao desigual nível de evolução, pois uns viveram mais que outros. As desigualdades sociais constituem obras dos seres humanos. Riqueza e miséria são provas escolhidas pelos próprios Espíritos antes da reencarnação. (...). Homens e mulheres detêm direitos iguais perante Deus.

**Lei de liberdade:** Não há liberdade absoluta a não ser de pensamento; ela é relativa ou condicionada, porquanto, uns precisam dos outros e têm de respeitar os direitos alheios. Tendo liberdade de pensar, têm também de agir, donde o livre arbítrio.

**Lei de justiça, amor e caridade:** O sentimento de justiça é natural. Justiça é o respeito aos direitos de cada ente humano. É correto o direito de posse desde que não seja só para si e sua satisfação. A propriedade legítima é a que foi adquirida sem prejuízo para terceiros, como produto do trabalho”.

Apesar de termos apresentado ao leitor apenas as partes essenciais do resumo, é possível perceber a realidade do que dissemos antes. O conhecimento das leis morais possibilita um melhor uso do livre arbítrio, reduzindo a margem de erro nos processos decisórios. Somando-se a isso o conselho de Sócrates : “conhece-te a ti mesmo”, teremos o meio adequado de adiantamento nesta vida.

A influência dos meios de comunicação sobre os jovens tem sido, na maioria das vezes, negativa. Apresenta-se o viver como um processo de consumir. Tudo aquilo que não tenha um sentido prático ou que implica em limitações, autocontrole, normalmente é apresentado como fora de moda. Nesse contexto, a religião é vista como um fator inibidor, castrador,

alienante ou que deixa a pessoa exposta ao ridículo. Assumir a sua essência religiosa implica opor-se à direção geral das coisas. É inegável que as religiões tradicionais, tornadas instituições político-religiosas ou complexos econômicos, que vivem da religião e não pela religião, estejam em baixa no conceito popular. Mas, repetimos, é preciso distinguir religião de religiosidade. Esta, não é institucionalizada e nem precisa disso. É uma relação direta com o Criador, sem necessidade de intermediários ou ritos. A melhor religião é aquela que o torna melhor e esta, geralmente, é uma concepção original, íntima.

O adolescente que antes de tudo, voltamos a lembrar, é um Espírito reencarnado, também está sujeito àquilo que no meio espírita é chamado de perturbações espirituais. É comum trazeremos para a vida atual os reflexos de nossos desatinos de vidas anteriores, incluindo-se aí eventuais desafetos; pessoas que se sentem lesadas por algo que lhes fizemos e por isso assumem a postura de credores nem sempre compreensivos. Após os primeiros anos de vida na Terra, durante os quais estamos protegidos pelos pais e amigos, sob uma vestimenta física nova e com proteção espiritual específica, pode chegar a época de iniciarmos o período de aprendizado e reparação dos erros de outrora. Não é incomum que isso passe a acontecer já na adolescência, junto com as acomodações psicofísicas próprias da idade. Pode ser muito difícil conviver com todos esses problemas. O apoio da fé e do conhecimento, ao lado do amparo moral e espiritual dado por pessoas ou instituições, geralmente é suficiente para propiciar um entendimento com eventuais cobradores que permanecem no Mundo Espiritual.

As religiões podem estar em decadência e fora de moda, entretanto a religiosidade nunca estará. Se por um lado somos animais racionais, animais políticos, por outro jamais deixaremos de ser seres religiosos, pois essa é uma condição intrínseca, um atributo congênito do ser humano. Nossa atitude prepotente e de auto-suficiência, relegando esse nosso aspecto a um segundo plano, tem levado muita gente à loucura e ao suicídio. Não se entenda que a religiosidade é ou deva ser um sedativo da consciência. É apenas o reconhecimento de um traço comum da espécie humana; o reconhecimento de que trazemos algo que nos liga ao Criador, dentro de nós. Se a religião está fora de moda, que fiquemos fora de moda emocional e psiquicamente saudáveis, cuidando para não cair nos extremos do fanatismo religioso, do pieguismo ou das pregações moralistas, tão graves quanto os efeitos do materialismo.

A religiosidade bem compreendida e bem vivida não impede o jovem de amar e ser amado, de divertir-se e viver plenamente a vida. Pelo contrário, é fator de equilíbrio que, muitas vezes, o auxiliará a enxergar com mais clareza situações e pessoas, avaliando com mais segurança e decidindo com sensatez.

## **Capítulo IX**

### **A FAMÍLIA, A CASA E O LAR**

Sem uma correta compreensão da importância da família fica muito difícil nos ajustarmos a ela, quaisquer que sejam as bases desse ajuste. Além de ser o núcleo fundamental da sociedade encarnada, a família é para todos nós a primeira escola, o primeiro hospital; uma representação em escala menor da sociedade de um modo geral. Se não aprendermos a administrar nossos conflitos no seio da família, dificilmente o faremos no relacionamento interpessoal da comunidade humana.

O Espiritismo, que temos usado como diretriz fundamental para o presente texto, nos esclarece com muita propriedade que existem duas concepções distintas de família: a família terrena, constituída pelos parentes ligados pelos laços consangüíneos, e nem sempre afins, no que diz respeito às tendências e aptidões, e a família espiritual. Esta sim, formada pelos Espíritos afinizados, que possuem semelhança de gostos, de formas de entender a vida, ligados, em última análise, por laços afetivos que remontam a encarnações passadas.

Sendo a Terra, mais exatamente a esfera física de existência, o ponto de encontro de Espíritos de variadas categorias espirituais, nada mais lógico que a família represente o comitê de recepção do reencarnante disposto a um estágio na carne. A família terrena, criada e mantida pelos laços do sangue, constitui o esforço de regeneração espiritual de um grupo de seres que normalmente programam com antecedência, ainda na Espiritualidade, o seu reencontro com o objetivo de se ajustarem, de se entenderem, a partir dos vínculos familiares e graças ao esquecimento do passado. Nesse novo contexto existencial, os Espíritos envolvidos em processos de resgate ou reparação de faltas mútuas, beneficiados pelo amortecimento das lembranças do passado e assim, na condição de pais e filhos, reiniciam a reeducação espiritual conjunta, quase sempre em ambiente de conflito.

É comum encontrarmos pela vida a fora pessoas com quem nos damos muito bem. Algumas parecem ser mais parentes que

aqueles que nos aguardam em casa. De fato o são. São parentes espirituais, constituem membros de nossa família espiritual, sempre muito mais ampla que a família terrena. Esses entes, espiritualmente queridos, reencarnam cada um de acordo com as próprias necessidades evolutivas, mas a misericórdia divina nos concede a bênção do reencontro no tempo certo, para restabelecimento do convívio e alívio das angústias geradas pelas experiências do cotidiano. Muitos daqueles que constituem nossa família espiritual não reencarnam ao mesmo tempo e permanecem como nossos “anjos da guarda”, nossos amigos espirituais, que farão todo o possível para que tenhamos sucesso em nossa passagem pela Terra. Muitas vezes, durante o sono do corpo, nos encontraremos com eles para troca de idéias e aconselhamento.

Percebe-se então que não podemos esperar a felicidade completa na vida familiar estabelecida pelos laços físicos. Essa família, aliás, se extingue com a morte do corpo, com cada um retornando ao seu habitat espiritual específico. Ainda assim, é essencial entendermos que a família terrena não se constitui por acaso. Seremos levados a conviver com as pessoas certas, no lugar certo e na hora certa, não sendo aconselhável fugir aos nossos compromissos de aprendizado mútuo.

Em cada família - é fácil observar - existem aqueles que se dão relativamente bem, aqueles que funcionam como verdadeiros esteios espirituais, e aqueles que parecem nada ter a ver com o grupo. Estão ali quase na condição de estranhos no ninho. Muitas vezes são, realmente, Espíritos sem grandes ligações do passado, mas que contam com a nossa colaboração e compreensão para progredirem ao nosso lado. Serão fatores de constantes desequilíbrios, de conflitos e preocupações, pois são como crianças, ainda aprendendo o abc da convivência. Com eles os mais adiantados espiritualmente poderão exercitar as virtudes já conquistadas e adquirir outras, mesmo que ao preço de muito sofrimento e desgaste. Quanto a esses aprendizes da vida, aprenderão pelo exemplo, mais que através de palavras e exortações. Normalmente, não são seres razoáveis, são pessoas de índole difícil, que sempre necessitarão de uma boa dose de tolerância e paciência.

Há no livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, da autoria de Allan Kardec, um capítulo muito importante que trata justamente das questões de ordem familiar. Trata-se do capítulo XIV (Honra a teu pai e tua mãe). Nele são tratados vários assuntos que permanecem atualíssimos, principalmente a questão da ingratidão dos filhos e os laços de família. Realmente, por mais que nossos pais tenham errado conosco,

sempre merecerão pelo menos o respeito devido a qualquer ser humano, e o amparo na velhice. No entanto, quantas vezes a intimidade gerada pelo convívio leva a desatinos com conseqüências previsíveis, espiritualmente falando. Violência física e verbal entre os membros da família quase sempre são indícios de que o propósito da reencarnação em conjunto não está atendendo aos objetivos esperados. Soma-se a isso as influências de adversários invisíveis, que nada mais querem que ver o circo pegar fogo e termos um prognóstico sombrio para todos os envolvidos.

Nunca se pode esquecer que os pais de hoje também já foram crianças e adolescentes. Foram jovens com sonhos e esperanças. Casaram-se em atendimento às suas necessidades espirituais, receberam outros Espíritos como filhos e vivem como podem, fazendo o que podem. Ao notarmos seus erros de conduta ou no processo educacional adotado na família, após uma análise mais madura da situação com um mínimo de envolvimento emocional, concluiremos que somos vítimas de vítimas. Nossos pais, por sua vez, também não tiveram uma educação muito boa e, além disso, como Espíritos, trazem suas virtudes e más tendências a evidenciarem-se no convívio diário.

Ainda há muito por fazer no aperfeiçoamento da instituição familiar. Os candidatos a pais deverão pensar um pouco mais nas responsabilidades de constituir família e, enquanto filhos, procurar entender os próprios pais, reconhecendo neles seres em evolução, com a diferença meramente circunstancial de terem reencarnado antes deles, tendo sempre em mente que não devemos esperar a felicidade completa na Terra, apenas momentos e eventos felizes.

O presente capítulo tem por título: Família - a casa e o lar. Há alguma diferença? Sim, há muita diferença. A maioria das pessoas ligadas por laços de consangüinidade têm uma casa e não um lar. A casa é meramente a estrutura física que nos abriga das intempéries. É onde nos reunimos para fazer as refeições, repousar, providenciar os cuidados com o corpo e retomar nossos afazeres. Poucos têm um lar. O lar implica a existência de um componente afetivo que se reflete na própria psicofera doméstica. Se costuma dizer que até os animais de estimação refletem o estado do ambiente; mansos e tranquilos se o ambiente é espiritualmente saudável; inquietos e agressivos se ocorre o contrário. Deixamos a cargo do leitor comprovar a procedência ou não desse dito popular, mas ele não é de todo ilógico.

Cabe dizer, para encerrar este capítulo, que a felicidade na Terra, com todo o seu relativismo, é conquista pessoal. É

possível ser feliz dentro de certos limites. Contudo, a felicidade, qualquer que seja sua concepção, será sempre uma construção pessoal, dependente de nosso amadurecimento interior. Isso exige uma compreensão mais ampla da vida e o estabelecimento de um código de conduta compatível com nossa vivência pessoal, além de tempo. Este será o tema do último capítulo desse texto, portanto, passemos a ele.

## **Capítulo X**

### **UM PROJETO DE VIDA**

Desde a década de vinte analistas e pensadores vêm percebendo a rápida e profunda transformação da sociedade. Há praticamente um consenso sobre as origens dessas transformações: o desgaste dos antigos valores morais e espirituais que, bem ou mal, sustentaram a sociedade até então. As duas grandes guerras ocorridas em nosso século são evidências desse processo de transformação, ao lado dos demais desarranjos observados no convívio de indivíduos e nações.

Chegou o momento de estabelecer-se novos princípios éticos para as relações interpessoais. Mas, o que é ética? Comentamos anteriormente que a moral dominante atua sobre o indivíduo de fora para dentro. É o conjunto de valores, normas, preceitos e preconceitos da sociedade num dado momento histórico. A ética consiste um processo de auto-educação, de autoadministração, de controle de nossa vontade através da razão. Portanto, a ética é um conjunto de princípios, de normas de vida voluntariamente assumidas pelo indivíduo. Ao contrário da moral, é algo que atua sobre nós de dentro para fora.

O filósofo grego Epicuro, tantas vezes mal compreendido e até distorcido em seus conceitos, desenvolveu uma ética que muito se aproxima daquela que nos apresenta o Espiritismo. Na sua pobreza e doença - Epicuro sofria de cálculos renais - desenvolveu um processo de busca do prazer e da felicidade através de mentalizações positivas, tiradas da memória, e usadas como contraponto em momentos de dor ou infelicidade. Ao contrário do que muitos pensam, Epicuro não defendia o prazer do corpo e sim o da alma. O prazer advindo da criação de um modo de vida que independesse da realidade exterior. Segundo ele, o homem está destinado ao prazer e à felicidade. Mas essa felicidade não lhe será dada pelos deuses ou outorgada pelos homens que compõem a sociedade; será o resultado de seu próprio esforço, da sua luta em obtê-la.



Para esse filósofo do século III antes do Cristo, é importante distinguir os espaços sobre o qual vive a criatura humana. O espaço público, que é aquele do convívio social, e o espaço privado, em que consiste nossa vida particular. O espaço público é ambiente de conflitos e antagonismos, e dele não podemos esperar a felicidade almejada. Esta só pode ser obtida no espaço privado, onde criamos nossas próprias regras. A felicidade pode ser construída e usufruída nesse espaço, nesse lugar íntimo, e em nenhum outro. Epicuro nos legou uma espécie de receita para o bem-viver no seu tetraphármakon; quatro posturas diante da vida que nos possibilita o alcance da alegria, do prazer e da felicidade. Essa “receita” pode ser sintetizada nas quatro seguintes frases que expressam seu pensamento. A primeira, “não há nada a temer quanto aos deuses”; a segunda, “não precisamos temer a morte”; a terceira, “a felicidade é possível” e a quarta, “podemos evitar a dor”. Atualizadas e devidamente contextualizadas, isto é, adaptadas ao nosso cotidiano, veremos que essa receita é perfeitamente aplicável ao nosso viver. Deixaremos ao leitor o prazer de refletir sobre essas frases e aplicá-las à sua própria vida. Isso porque ninguém mais poderá fazê-lo em seu lugar.

Outro pensador da Antigüidade, também grego, e que se preocupou com essa questão foi Aristóteles. O seu livro *A Ética*, que chegou até nós, embora algo fragmentado, é um texto de orientação para o estabelecimento desse autocontrole tão necessário para uma vida feliz. Quanto ao método para vencermos nossos vícios morais eis o que o sábio nos recomenda: “O melhor conselho que se pode dar é o de estudar as inclinações que nos arrastam mais fortemente para um extremo, e então arrojarmo-nos para o extremo oposto: não sendo nós outros levados a este, mais facilmente alcançaremos o meio. Assim fazem aqueles que querem aprumar a nave. De resto, os conselhos são sempre insuficientes, porque, versando as ações acerca das coisas em particular, jamais podem ser exatos”.

Os gregos antigos, com muito acerto, fizeram uma analogia entre o viver e o navegar. Assim como desenvolveram uma excelente técnica de navegação, acharam possível desenvolver uma técnica para o bem-viver. Nesse sentido, a ética tem na vida humana a mesma finalidade que o leme tem para a embarcação. Uma feliz analogia que ainda hoje, mais de dois mil anos depois, nos pode ser igualmente útil. A sabedoria grega continua se derramando sobre a humanidade, como uma fonte infindável de recursos para se compreender o homem e a vida. Se o presente é caótico, devemos e podemos buscar no patrimônio do

conhecimento universal, os recursos para lutar corretamente, e com possibilidades de sucesso, pela felicidade pessoal, que se refletirá numa felicidade coletiva.

Por que tantas referências sobre a ética num capítulo sobre o estabelecimento de um projeto de vida? Simplesmente porque não há projeto de vida que dê certo se não for bem escorado em normas que estabelecemos, para nós e por nós mesmos, para executá-lo. O projeto de vida é o traçado consciente de nossos propósitos durante a reencarnação e mesmo para depois. É a definição das questões relativas à vida profissional, familiar, social e particular. O jovem pode e deve pensar nessas coisas. As mutações normais da puberdade e adolescência são por demais passageiras para que nos liguemos unicamente a elas e esqueçamos porque estamos aqui. A definição de um projeto de vida não é coisa que se faça de um momento para o outro. É a retomada, de forma mais consciente, de metas anteriormente traçadas, ainda nas esferas espirituais. Nesse contexto, até as pessoas às quais nos vinculamos têm sua parcela de colaboração ou de influência sobre nós e nossas vidas. Buscando na antiga Grécia, especialmente em Epicuro, mais uma analogia, diremos que essas pessoas constituirão o nosso jardim, o nosso ambiente grupal espiritual e terreno, com todas as suas características, boas e más.

\*Texto revisto e atualizado em junho/2000

## **BIBLIOGRAFIA**

- BROWN, Robert. *Analisando o amor*, Campinas, Papirus editora.
- ARISTÓTELES. *A Ética*, Coleção Universidade, Edições de Ouro.
- GIKOVATE, Flávio. *Drogas - opção de perdedor*, São Paulo, Ed. Moderna Ltda, 1993.
- SANTOS, Jorge Andréa dos. *Forças sexuais da alma*, Rio de Janeiro, FEB, 1987.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Araras (SP), IDE.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Araras (SP), IDE.
- RIZZINI, Carlos Toledo. *O homem e sua felicidade*, São B. do Campo (SP), Ed. Espírita Correio Fraternal do ABC, 1984.

Nota do autor: este livro foi publicado pela primeira vez em 1995, na forma de livro eletrônico (em disquete), pela Nova Editora Ltda, de São José do Rio Preto-SP.

## **DROGAS E RESPONSABILIDADE**

**Álvaro R. Velloso de Carvalho**

***A escolha faz o destino (L. Szondi)***

Nestes tempos de coletivismo e de massificação, é muito comum ver a mídia alardear "o problema das drogas na juventude brasileira".

É um tema que desperta paixões, move grandes máquinas publicitárias, dá margem a mil explicações sociológicas e ainda serve de tema de campanha para alguns políticos demagógicos. Quem olha a situação de fora pode ser levado a pensar que os jovens da minha geração são pessoas perdidas, sem propósito na vida, mergulhados num mar de hedonismo, em que as ferramentas para a sobrevivência são as drogas, o álcool, o fumo, o sexo desregrado etc. Há vários problemas nesse tipo de abordagem.

O primeiro deles é tomar casos isolados como se fossem a expressão da realidade inteira. Como se um jovem drogado fosse uma mônada leibniziana...

Como, então, abordar a questão?

Em primeiro lugar, devemos considerar as suas devidas proporções, isto é, delimitar o gênero a que ela pertence.

Isso feito, podemos meditar na sua solução.

É muito fácil para a mídia alardear um problema maior do que ele realmente é, e traçar uma imagem pejorativa da juventude como um todo. A partir daí, criam-se explicações falaciosas e teorizações absurdas. Como a idéia de que o meio que cerca os jovens os impossibilita de escapar das drogas.

Acontece que não basta, para atacar um problema, deter-se na contemplação mórbida de suas vítimas.

Se queremos tratar da questão a sério, devemos procurar aqueles que conseguem escapar das drogas. Talvez não importe muito se eles são a maioria ou não, mas o fato é que são sim.

O problema, se reduzido a suas devidas proporções, se torna bem menos alarmante.

Não é tão fácil assim conseguir drogas, a maioria dos jovens está muito pouco preocupada com essa obtenção, e o fato de que uma pessoa experimentou um tipo de droga uma vez na vida não o torna um viciado; apenas facilita a falsificação das estatísticas.

A pergunta, então, não é "o que leva um jovem à droga?", mas sim "o que possibilita que um jovem não se drogue?"

Mais do que estudar casos de ex-drogados, tão caros à mídia sensacionalista, é importante estudar casos de não-drogados.

Visto que os jovens não-drogados são a maioria, torna-se muito difícil reunir um núcleo de características comuns a todos eles. A resposta seria um painel muito amplo da juventude de nosso tempo, a juventude da qual faço parte, e seria uma ambição desmedida minha pretender oferecê-lo aqui. Posso, porém, retirar alguns exemplos do convívio diário.

Convivo com um número bastante grande de jovens, nenhum deles drogado. Devo dizer que, para a maior parte deles, a questão "usar drogas ou não" nem sequer se coloca. O que possibilita isso?

O primeiro fator chama-se *educação*. É o fator mais importante e o mais ignorado. Não se trata daquele blá blá blá todo em torno das terríveis conseqüências do uso das drogas ou dos perigos químicos das mesmas. Trata-se simplesmente da educação baseada na idéia de *responsabilidade*. O que existe de mais fundamental na vida humana é o princípio de autoria. Eu sou autor de meus próprios atos e não posso fugir das conseqüências deles. O sujeito que cometeu a ação é, fatalmente, o mesmo que sofrerá suas conseqüências. Afirmar o contrário é cair na esquizofrenia. Se a educação ajuda a tornar o jovem consciente de que cada um de seus atos tem implicações para ele e para as pessoas que o ato envolve, sua vida adquire, a seus olhos, uma consistência muito maior. Ele vê a realidade com olhos mais abertos, mais plenos. Se ele se sente responsável pela própria manutenção (não falo num sentido econômico, mas num sentido existencial), suas preocupações estarão voltadas para coisas mais elevadas, mais importantes do que um prazer momentâneo que terá conseqüências destruidoras.

Uma cultura, como a nossa, que não enfatiza a responsabilidade individual, que cria culpados abstratos para eximir o indivíduo de toda a culpa, só pode mesmo dar margem a problemas psicológicos sérios. Ora, o culpado por cada uma de minhas ações não é o inconsciente, não é a classe social, não é o maldito capitalismo, não é o meio social, não é a estrutura da linguagem, não é o complexo de Édipo; o culpado sou eu.

Todos esses fatores citados existem, mas a instância decisiva é o ego. Quem diz sim ou não sou eu. Quem escolhe o papel que vai representar sou eu.

Qualquer tipo de educação que não destaque isso está fadado ao fracasso.

Qualquer campanha de prevenção às drogas que esqueça esse fato estará proferindo palavras vazias para um auditório surdo.

Compreendido esse fator de responsabilidade pessoal, podemos derivar os outros principais fatores que afastam os jovens das drogas. Entenda-se bem: sem esse primeiro, nada se faz.

A partir daí, podemos arrolar outros, como uma sólida formação religiosa, a atenção aos estudos, a dedicação ao trabalho, a satisfação na vida pessoal, a estabilidade do lar. Não conheço um caso sequer de pessoas que vivam em alguma dessas condições e se deixem levar pelas drogas.

Se, porém, repetimos o discurso da irresponsabilidade, se colocamos o prazer acima das outras instâncias, se acreditamos na idéia de que erros não devem ser punidos, se, sob o pretexto de aumentar a liberdade, defendemos a liberação das drogas, então estaremos agravando um problema e criando uma juventude verdadeiramente transviada. Estaremos abolindo da juventude a idéia de que existem princípios sólidos a serem seguidos e caindo na armadilha do relativismo e do imoralismo.

Os jovens, em geral, têm plena consciência disso. Estão cheios de planos para o futuro e não querem ver suas vidas destruídas por atos inconseqüentes. Tudo o que peço a educadores é que não destruam neles esse senso de responsabilidade. Que não abafem a voz da juventude verdadeira, sob o pretexto de fazer um discurso *progressista*. Porque o que está em jogo são vidas humanas. E brincar com vidas humanas para defender teorias ou lutar contra o *conservadorismo* é no mínimo desprezível...

***A pergunta, então, não é "o que leva um jovem à droga?", mas sim "o que possibilita que um jovem não se drogue?"***